

MUDANÇA E SOBREVIVÊNCIA NO ALTO XINGU BRASIL-CENTRAL

*Eduardo Galvão e Mário F. Simões **

(Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém)

A região dos formadores do Xingu compreende uma bacia drenada pelas águas dos rios Von den Steinen, Jatobá, Ronuro, Batovi, Culiseiu e Culuene, com suas cabeceiras no divisor de águas Amazonas-Paraguai, nas chapadas do norte de Mato Grosso. De forma ligeiramente triangular, estende-se a região entre as coordenadas de 52° a 55° de longitude W e de 12° a 14° de latitude sul. O rio Culuene, engrossado por inúmeros afluentes, principalmente pelo Culiseiu, junta-se ao sistema Batovi-Ronuro, cêrca de 12° de latitude sul, passando daí a formar o Xingu pròpriamente dito.

Quanto à vegetação, é uma zona de transição entre a Hiléia amazônica e as formações arbustivas e herbáceas do planalto brasileiro. Ao sul domina o *cerrado*, prolongando-se para o norte e contornando o Xingu pelo leste em mistura com florestas de galeria e zonas de campos. Já para o norte e noroeste ergue-se a floresta equatorial.

Climaticamente está a região incluída no *clima de savanas tropicais* (Aw de Köppen), com exceção de uma pequena faixa ao norte de *clima de florestas tropicais* (Am). Predominam as médias térmicas mensais acima de 18°C, com umidade relativa inferior a 80%, e com dois períodos diferenciados: uma estação de chuvas (o “inverno”), que se estende de outubro a abril, com trovoadas e fortes aguaceiros; e uma estação sêca (o “verão”), de maio a setembro, ocorrendo a maior estiagem nos meses de julho-agosto.

Na fauna destacam-se, dos mamíferos, as antas, porcos do mato, veados, capivaras, onças, ariranhas, coatis e macacos¹. Das aves numerosas e variadas, com algumas espécies típicas da região, avultam os jacamins, jacubins, mutuns, patos, emas, gaviões, araras, papagaios, tucanos e periquitos. Nos rios e lagoas é intensa a vida animal. Em vista de os hábitos alimentares dos índios xinguanos estarem mais vinculados à fauna fluvial e lacustre, representa o Alto Xingu uma verdadeira área de refúgio para a fauna terrestre.

(*) Bolsistas do Conselho Nacional de Pesquisas. — Este trabalho foi publicado, em tradução alemã, na obra *Beiträge zur Völkerkunde Südamerikas. Festgabe für Herbert Baldus zum 65. Geburtstag* (Hannover, 1964). Os autores gentilmente nos concederam permissão, que lhes solicitamos, de publicar aqui o texto original. (Nota da redação.)

Protegida pelas inúmeras cachoeiras do rio Xingu, ao norte, e pelo vasto e inóspito chapadão matogrossense, ao sul, e aparentemente desprovida de recursos minerais ou de produtos de coleta (castanha, seringa e poiaia), manteve-se a região indevassada até final do século XIX.

Em 1884, Karl von den Steinen, liderando uma expedição para levantamento do rio Xingu, partia de Cuiabá protegido por um destacamento do Exército Imperial Brasileiro. Seguindo rumo norte, atravessou o rio Paranatinga, e alcançou as cabeceiras do Tamitátala, ao qual denominou Batovi. Guiado pelos índios Bakairí do Paranatinga, desceu aquêlo rio até sua confluência com o Ronuro, e, finalmente, o Xingu. Em outubro do mesmo ano chegou a Belém. Nessa viagem entrou em contacto com algumas tribos xinguanas até então desconhecidas. Tal foi seu interêsse que, em 1887, voltava ao Alto Xingu com Paul Ehrenreich, porém, dessa feita, com objetivo de estudar a população indígena.

A partir dessa época a região foi percorrida e visitada por cientistas, comissões de levantamento topográfico, pessoal da Comissão Rondon e do Serviço de Proteção aos Índios, missionários, jornalistas e aventureiros que mantiveram contactos esporádicos com algumas tribos xinguanas². Dado ao afluxo crescente de civilização em demanda dos formadores do Xingu, houve por bem o Serviço de Proteção aos Índios, em 1920, criar o primeiro pôsto indígena na região, com a finalidade de atrair os Bakairí (rios Nôvo, Paranatinga, Culiseiu e Batovi), bem como de vigilância contra as constantes entradas de aventureiros em busca das famosas Minas dos Martírios³.

Em 1946 a vanguarda da Expedição Roncador-Xingu, liderada pelos irmãos Vilas-Boas, atingia terras do Culuene. Foram fundados os primeiros acampamentos e bases permanentes, dentre as quais a base do Jacaré⁴. A partir de então intensificaram-se os contactos. Graças à facilidade de acesso por via aérea, através da Fôrça Aérea Brasileira e da Fundação Brasil-Central, diversas instituições científicas, emprêsas cinematográficas e a imprensa passaram a freqüentar a área⁵. Note-se, entretanto, que tais contactos sempre tiveram caráter temporário, e até o presente não se fêz sentir a pressão contínua das frentes pioneiras.

Tal importância representava a região como amostra de um Brasil prístino que, em 1952, foi proposto por uma comissão de técnicos indigenistas, ao Congresso Nacional, um anteprojeto de lei criando o Parque Indígena do Xingu (SPI-1953: 98-106).

Em conseqüência dessas penetrações não tardaram os primeiros conflitos e efeitos dissociativos advindos dêsses contactos intermitentes. Com a transformação do acampamento do Jacaré em base auxiliar para a rota Rio-Manaus do Correio Aéreo Nacional, transportou a Fôrça Aérea Brasileira para a região, além da maquinária, inúmeros trabalhadores e algumas praças, surgindo daí dificuldades motivadas pelo problema da integridade

da mulher indígena, inclusive o contágio de doenças venéreas. Mais alto ainda pagariam os xinguanos o preço dessas relações. Em 1954 grassava por suas aldeias uma tenaz epidemia de sarampo importada de Xavantina ou Aragarças que, a despeito de meios e recursos empregados pelo Serviço de Proteção aos Índios e Fôrça Aérea Brasileira, ceifou 114 vidas numa população estimada em 650 pessoas (Mota, 1955: 131-141).

Como se não bastasse, ainda nesse ano, turmas de agrimensores iniciavam a demarcação de vastas glebas de terras ocupadas pelos índios, cedidas pelo governo de Mato Grosso a firmas imobiliárias, contrariando o artigo 216 da Constituição Brasileira. Por interferência do Serviço de Proteção aos Índios foram as demarcações e vendas sustadas⁶.

Em 1961, foi criado o Parque Nacional do Xingu com uma área total de 22.000 km² e, entre outras atribuições, com a finalidade de assegurar às tribos xinguanas a posse da terra que ocupam, garantindo-lhes, em princípio, assistência médica, social e educacional, indispensáveis para assegurar sua sobrevivência, ao mesmo tempo que a preservação de seus padrões culturais.

*

Aos primeiros viajantes e etnógrafos impressionou a uniformidade cultural da área dos formadores do Xingu. Esta, embora diferindo ligeiramente nos limites geográficos estabelecidos, compreende tôda a mesopotâmia Batovi-Culuene, estendendo-se a jusante do Xingu até a desembocadura de seu afluente pela margem direita — Suiá-missu ou Paranajuba. Servem de limites meridionais, ocidentais e orientais, respectivamente, o rio Paranatinga, margem esquerda do Batovi e direita do Culuene.

Aquelas tribos indígenas de origem provável norte-amazônica, que, fugindo às incursões de outros grupos mais aguerridos ou ao avanço das fronteiras de expansão de nossa sociedade, conseguiram vencer e transpor os obstáculos naturais que se opunham à sua penetração, encontraram na região dos formadores do Xingu uma verdadeira *terra da promessa*, quiçá a própria *terra sem males* da mitologia tupi-guarani. Com abundância de águas e matas entremeadas de campos e cerrados, com flora e fauna ainda virgens, era a região um convite e um estímulo à fixação de suas malocas. Livres, enfim, das incursões predatórias de outros grupos e, talvez, dos próprios civilizados, ali se estabeleceram. Segregados pelo isolamento geográfico e indiferentes aos padrões de suas culturas originais, grupos de procedências diversas cresceram e se interinfluenciaram, criando um nôvo aparelhamento tecnológico condizente com as novas necessidades do meio recém-descoberto.

Constituída a área por tribos dos mais variados troncos lingüísticos, a par de diferenças culturais históricas, através de um processo de adaptação ecológica e “compressão cultural” (Galvão, 1953: 10) apresentavam já ao tempo de seu desbravamento, no final do século XIX, certa homogeneidade

cultural. Fazia-se esta sentir, principalmente, no tocante às atividades de subsistência, artesanato, mitologia e certos aspectos sociais e religiosos.

Essa uniformidade, segundo os padrões do historicismo cultural alemão em voga naquela época, levava von den Steinen, o pioneiro do Xingu, a admitir para a região dos formadores do Xingu um centro de aculturação indígena ou província cultural, no que, aliás, foi seguido por seus colegas Ehrenreich, Meyer e, posteriormente, Roquette-Pinto⁷.

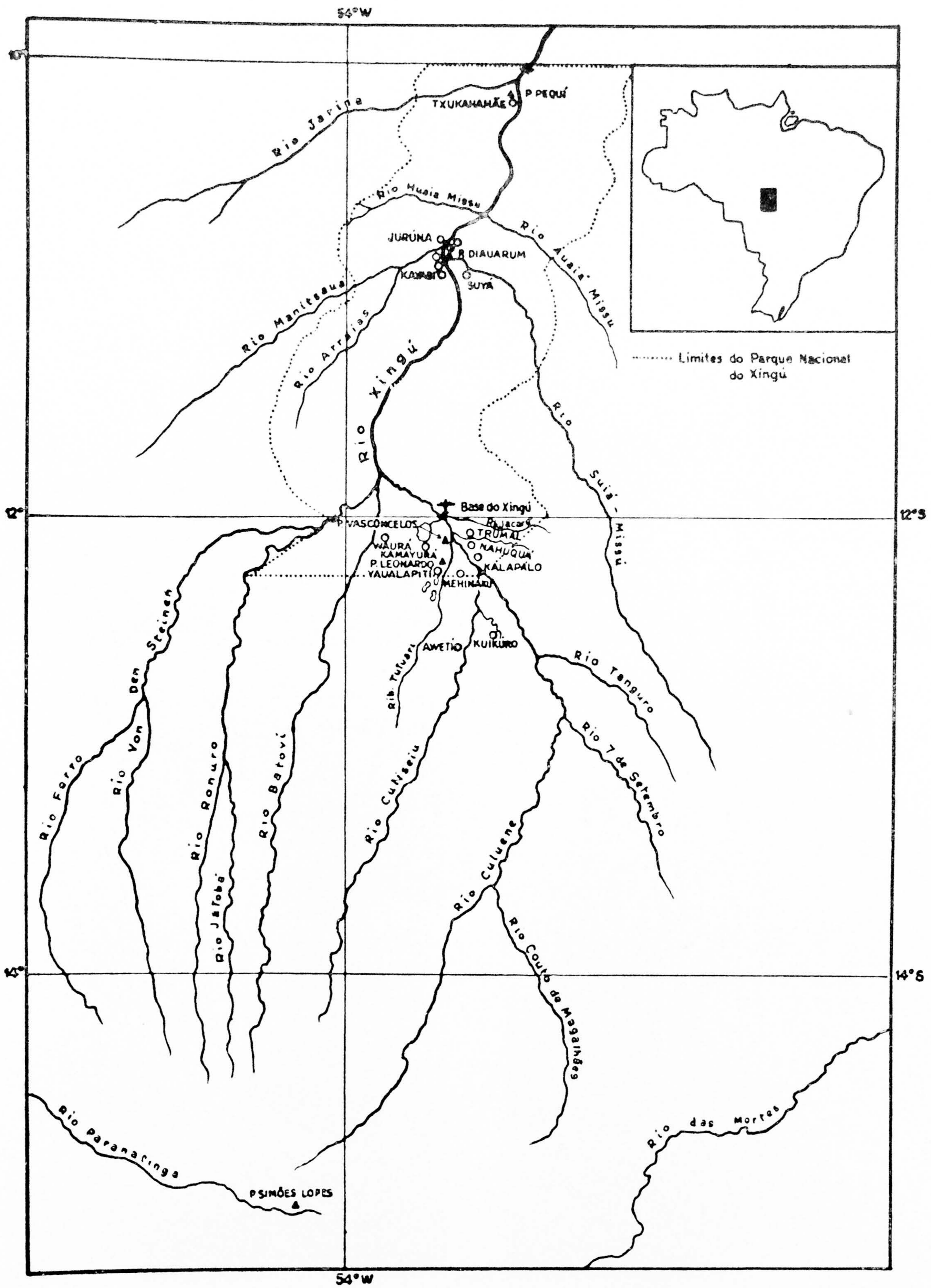
Na atualidade, dentro do conceito de área cultural estabelecido pela Antropologia norte-americana, era proposto, em 1949, para a referida área o nome de “área do uluri” (Galvão, 1949: 47; idem, 1953: 3). Mais tarde, em 1959, numa reformulação das áreas culturais elaboradas por Steward e Murdock, era sugerido para a mesma a denominação de “área do Alto Xingu” (Galvão, 1960: 23).

Ao tempo das expedições germânicas de Steinen e Meyer, em fins do século XIX, participavam dessa área cultural 39 aldeias (Meyer, 1898: 139), pertencentes a 5 famílias lingüísticas diferentes, montando sua população em cerca de 3.000 almas (Steinen, 1885: 74; idem, 1940: 244). À família *Karib* pertenciam os Bakairí (8 aldeias) e os Nahuquá (quinze)⁸; à *Aruak*, os Waurá (duas), Mehináku (duas), Yawalapití (duas) e Kusténáo (uma); à *Tupí-guaraní*, os Kamayurá (quatro) e Awetí (uma); e à Jê, os Suyá, com uma aldeia. A êstes somavam-se os Araití (pequeno grupo miscigenado de homens Awetí e mulheres Yawalapití), com uma aldeia, e, finalmente, os Trumái, tribo alófila, com duas aldeias.

A distribuição geográfica dessas tribos leva-nos a supor um critério lingüístico ou mesmo histórico, resultante dos movimentos migratórios desses grupos no passado. Naquela época distribuíam-se os *Karib* ao longo dos cursos do Batovi, do Culiseiu e terras entre êste e o Culuene; os *Aruak*, no território central entre o Batovi e o Culiseiu; os *Tupí-guaraní*, na região das lagoas, no baixo Culiseiu; os Trumái na margem direita do Culuene, logo abaixo da confluência do Culiseiu, e, por fim, os Suyá na margem direita do Xingu, próximo à desembocadura do Suiá-missu (Cf. Meyer, 1897, 1898 e 1900: mapas).

Além dessas tribos componentes da chamada “cultura Xinguana” ou da “área cultural do Alto Xingu”, assinalaram os pioneiros do Xingu a existência de diversos grupos indígenas marginais ou periféricos, isto é, não participantes dessa área cultural, como os *Cuiaáus*, *Carajás*, *Manitsawá*, *Yarumá*, *Kabischí* e *Kayapó* (Steinen: 1885: 70; 1940: 149-150 e 191; 1942: 214 e 278). Meyer registra em seus mapas da região outras tantas tribos habitando o rio Paranajuba ou Suiá-missu, considerando-as como pertencentes a outra “província cultural” (Meyer, 1897 e 1898: mapas)⁹.

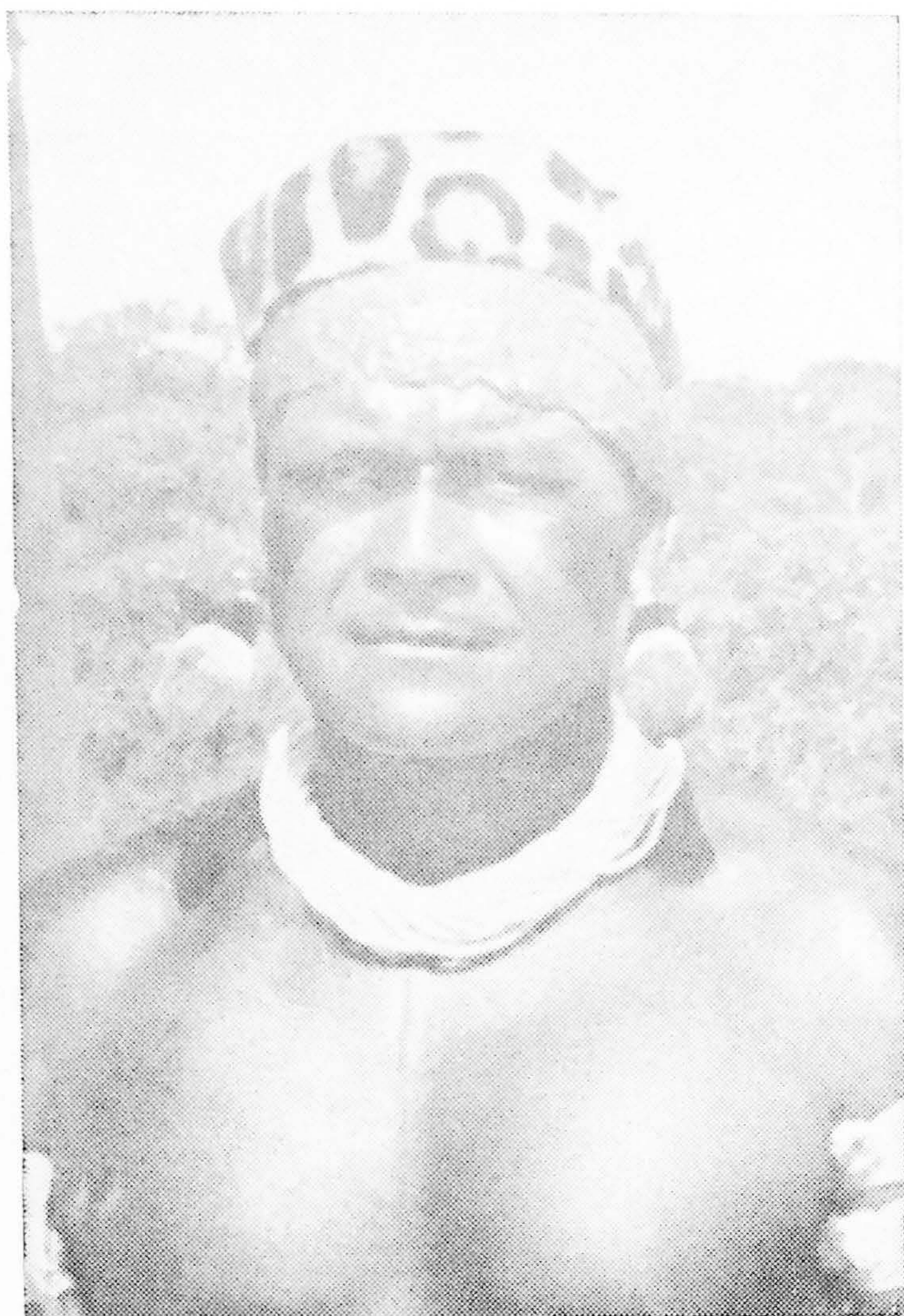
Caracteriza-se a *área cultural do Alto Xingu* pela uniformidade surpreendente de certos padrões culturais entre as diferentes tribos, o que nos leva, *a priori*, a pensar numa ocupação bastante remota da região. Contu-



1. Aldeias indígenas do Alto Xingu em setembro de 1963.



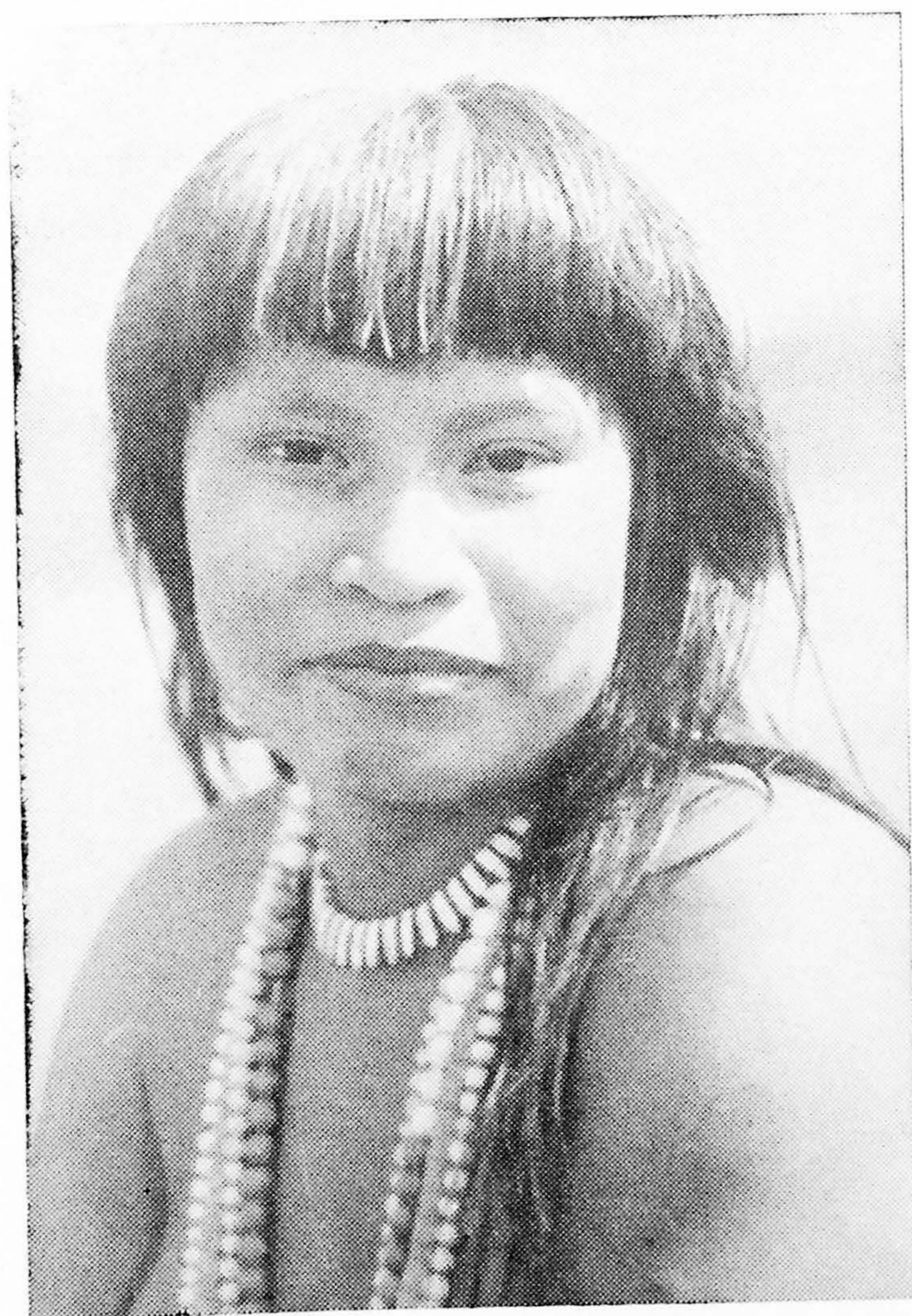
2. Vista aérea de uma aldeia alto-xinguana, mostrando a disposição das malocas.
Aldeia Kuikúro. (Foto Simões, 1952).



A



B



C



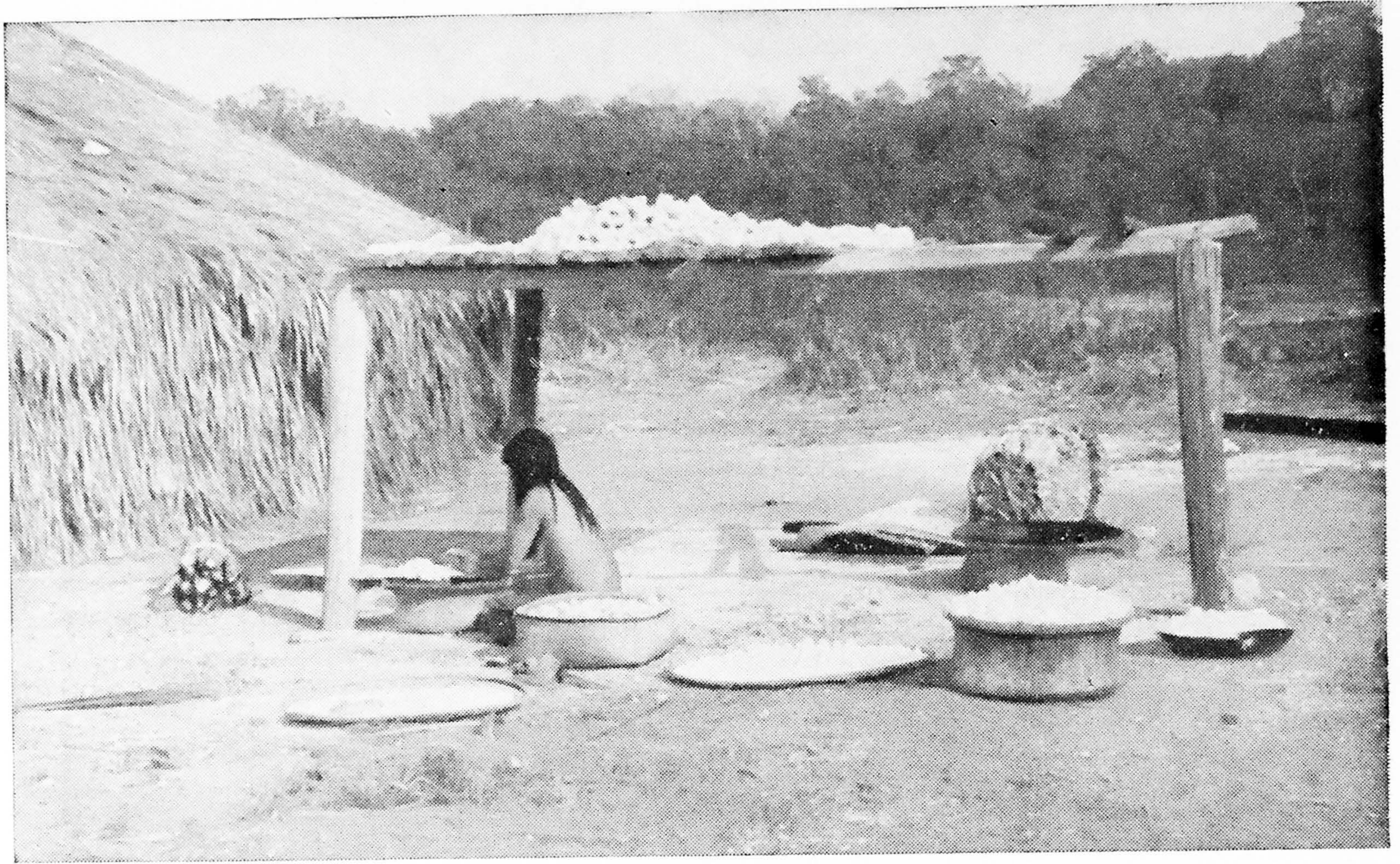
D

3. Tipos xinguanos

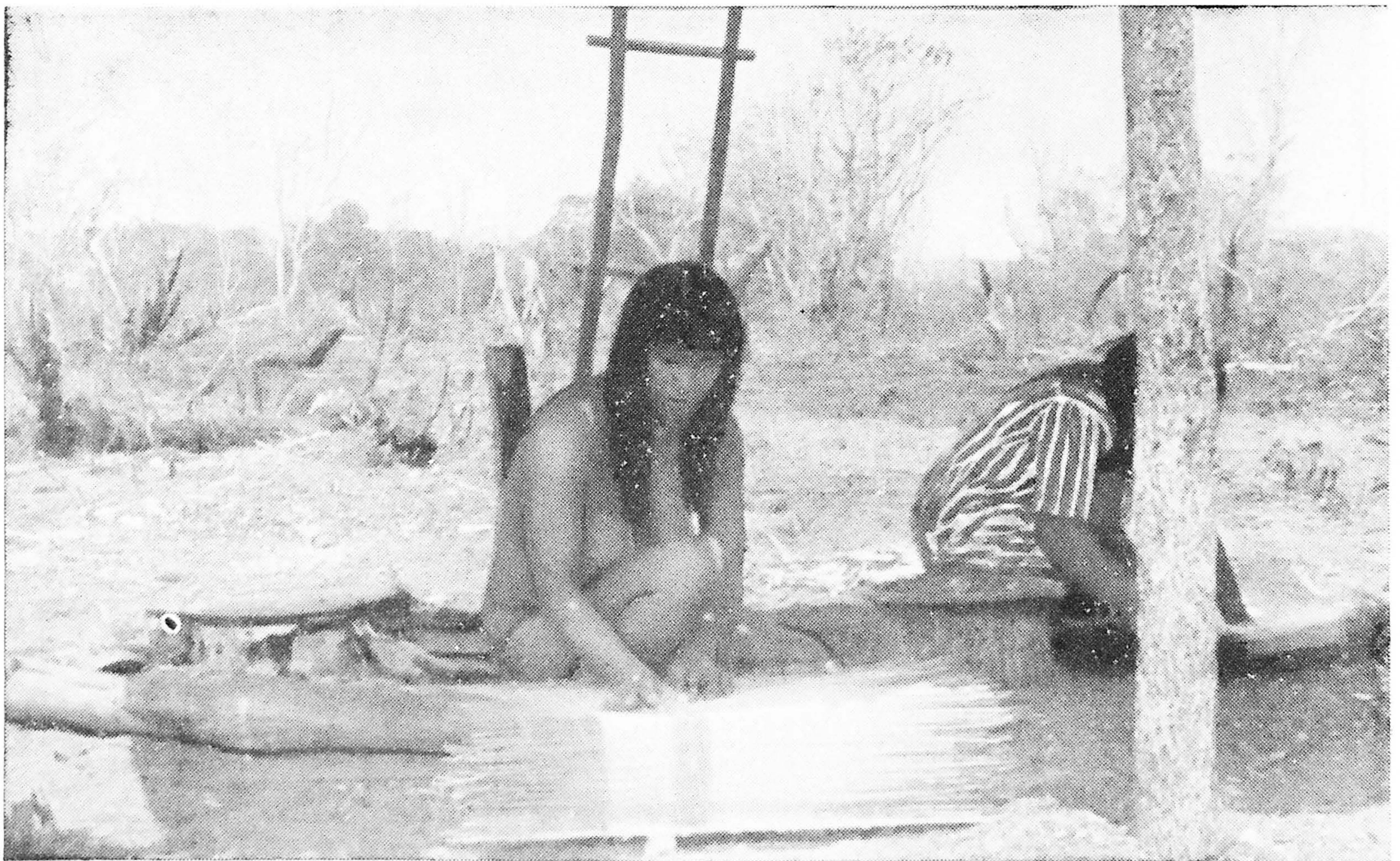
A — Homem Yawalapití
C — Mulher Nahuquá

B — Homem Kalapálo
D — Mulher Mehináku

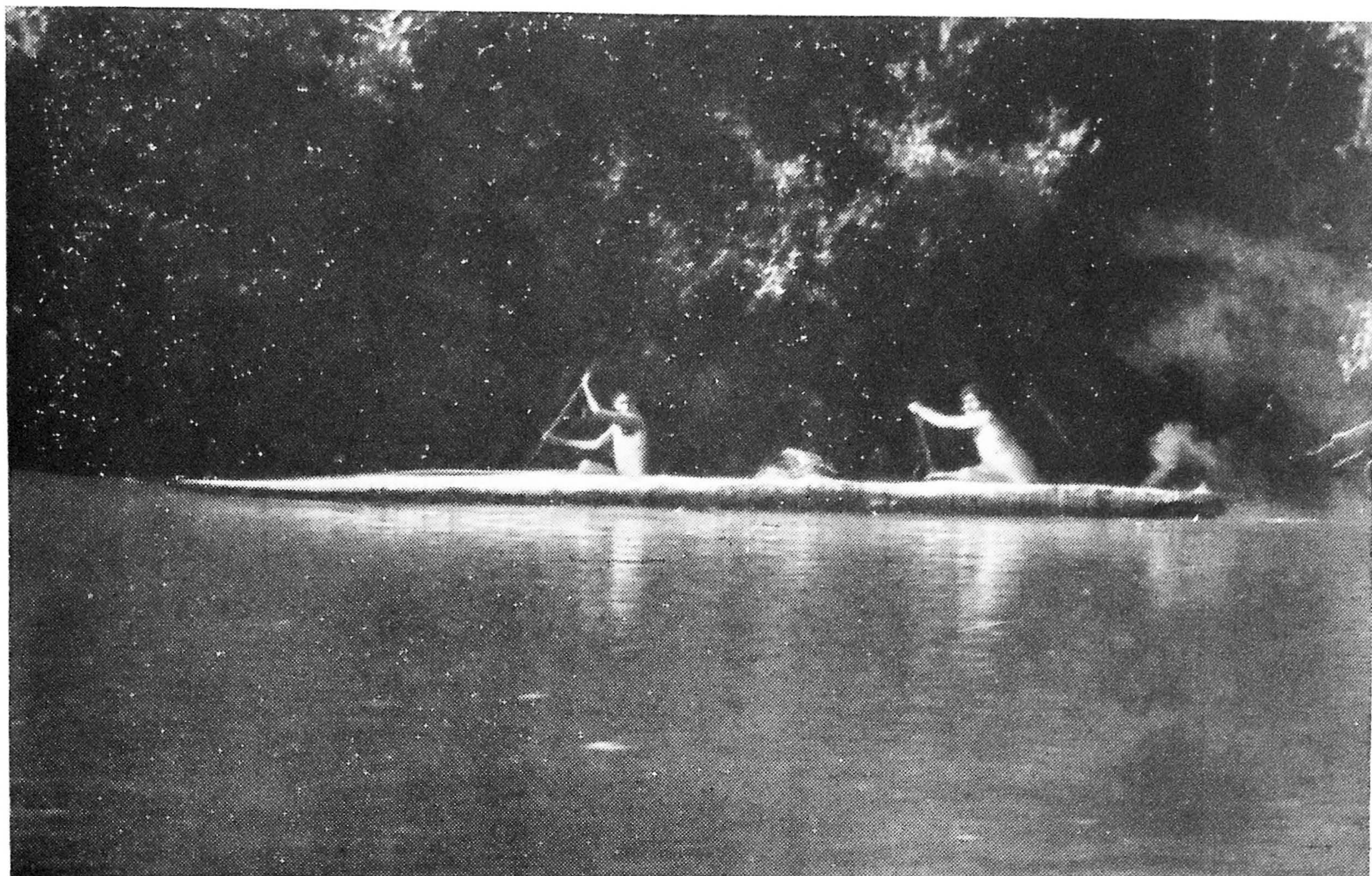
(Fotos Simões, 1963)



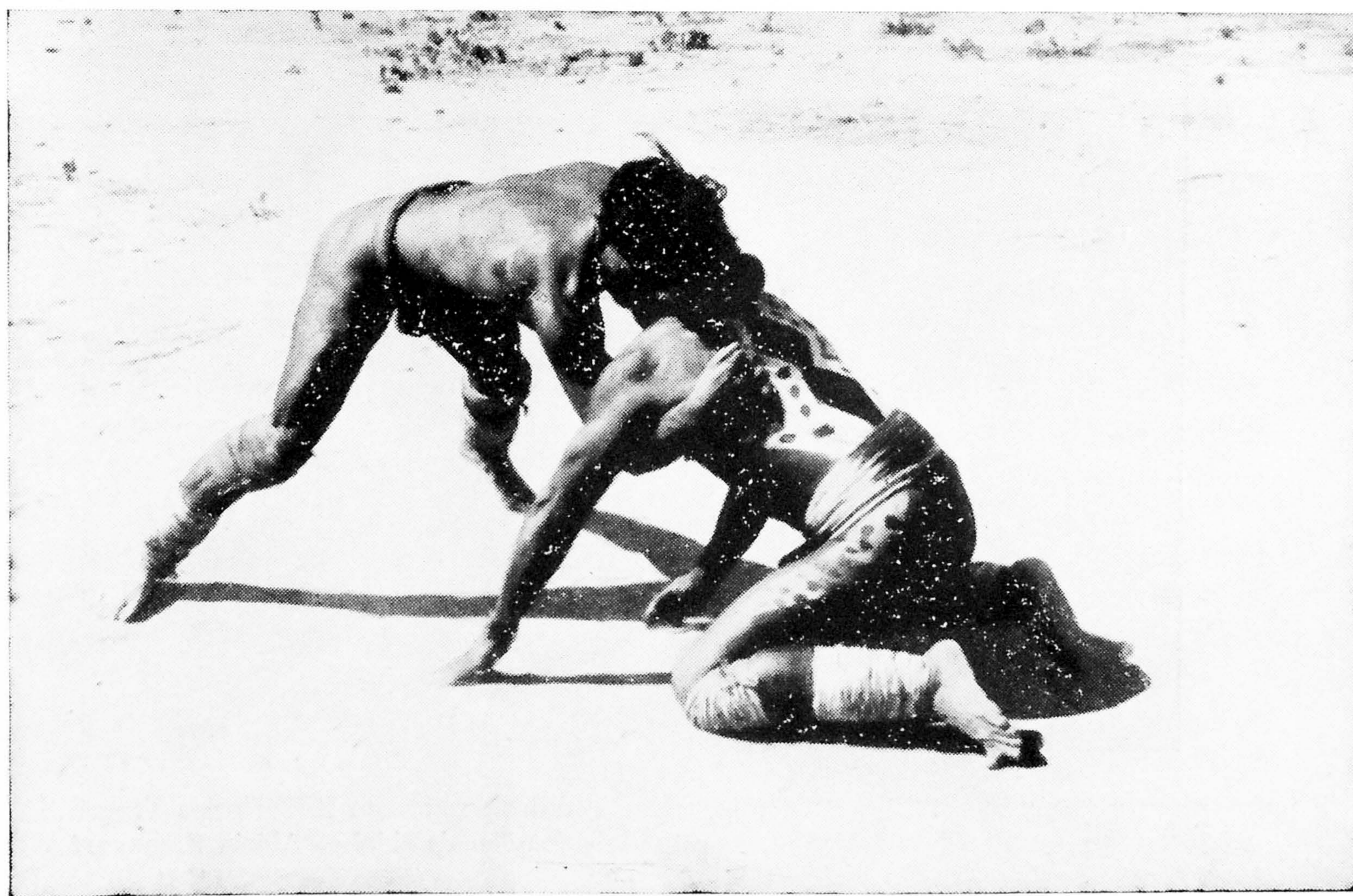
4. Jirau para secagem dos "pães" de mandioca. Aldeia Waurá. (Foto Simões, 1963).



5. Esteira de talos de buriti (tuaví) para prensagem e peneiramento da mandioca. Aldeia Trumái. (Foto Simões, 1963).



6. Apesar das “ubás” monóxilas importadas dos Jurúna, persistem ainda as canoas de casca de jatobá. Rio Culuene. (Foto Simões, 1963).



7. “Huká-huká”, a luta esportiva xinguana, demonstra o vigor físico dos participantes nas competições entre aldeias, principalmente nos “kwarup” (festas dos mortos).
(Foto Simões, 1952)



8. Jôgo do “yawari”, competição esportiva introduzida no Alto Xingu pelos Trumái. Hoje, com exceção dos Mehináku, é praticado pelas demais aldeias. Aldeia Kamayurá. (Foto Simões, 1963)

do, o meio físico, o isolamento geográfico, a proximidade dos grupos, o comércio e o casamento intertribal foram, a nosso ver, os fatores determinantes da larga difusão desses padrões, trazendo como consequência, nos dias atuais, dúvidas sobre a direção do empréstimo e uma resultante cultural padronizada para todos os componentes tribais.

Esse padrão cultural emergente, em síntese, compreende: aldeia com as casas dispostas em círculo, ligada sempre por uma picada de acesso a uma lagoa, ocupando a residência do "capitão" da aldeia posição fronteira a essa picada; casas de planta elítica, cobertas de sapé, sem distinção de teto-parede e com duas aberturas (uma de cada lado maior); "casa das flautas" e gaiola cônica para gavião-real, no pátio interno da aldeia; uso intensivo da mandioca em forma de beiju; ausência de bebidas fermentadas; esteira de talos de buriti para espremer mandioca em substituição ao tipiti; predominância de produtos de pesca sobre os de caça na alimentação; arco de secção circular ou elítica; flecha de cana de ubá e emplumação costurada; propulsor de flecha para fim cerimonial-desportivo; canoa de casca de jatobá; remo de pá longa e lados paralelos; uso feminino de minúscula tanga de entrecasca (uluri); colares de peças quadrangulares ou circulares de concha; tecelagem de rêdes e braçadeiras de algodão e buriti; bancos zoomórficos esculpidos de uma só peça de madeira; cerâmica utilitária fabricada pelas tribos *Aruak* (Waurá e Mehináku), compreendendo panelas de várias dimensões e vasos zoomórficos. (As panelas são de base circular-plana, lados infletidos e borda extrovertida. A decoração é de pintura preta em sua parte interna e, externamente, pintura de desenhos lineares ou engobo vermelho); residência patrilocal com um período de matrilocidade temporária (matri-patrilocal de Murdock); famílias extensas, com descendência bilateral; fusão terminológica nas gerações alternadas, ascendente e descendente, e fusão bifurcada quanto aos termos de tios; considerando os termos aplicados aos primos cruzados, o sistema se enquadra no tipo Havaiano, de Murdock; distinção entre os indivíduos comuns ("camára") e uma pequena elite de líderes ou chefes de grupos familiares; xamanismo adiantado; mitologia com dois gêmeos (sol e lua); festas dos mortos (kwarup); atividades desportivas, como a luta "huká-huká" e o "jôgo do yawarí"; danças com máscaras de madeira ou palha; flautas cerimoniais interditas às mulheres; enterramento direto e primário (Cf. Galvão, 1953; *idem*, 1960: 28-29).

*

Ao tempo de nossas excursões ao Alto Xingu, isto é, de 1947 a 1952, bem diversa era a situação. Tanto do ponto de vista demográfico como da localização geográfica de suas aldeias, tremendas modificações se fizeram sentir naqueles últimos 68 anos (1884-1952). Dos *Karib*, restavam somente as aldeias Kalapálo, Kuikúro, Nahuquá e Matipúhy. Os Naravúte, mencionados por Petruzzo, em 1931, no médio Culuene

(1932: 143) não mais existiam como unidade tribal, tendo sido encontrados seus remanescentes (um casal e uma criança) vivendo entre os Kallapálo (Lima, 1955: 163); os Nahuquá abandonaram o Culiseiu, transferindo-se para próximo da aldeia Matipúhy (ibidem); as aldeias Aipatse e Tsuva, diminutas demograficamente, haviam-se reunido aos Kuikúro, como os encontramos em 1952 (Simões, 1952: notas de campo). Das aldeias Bakairí dos rios Batovi e Culiseiu, a transformação foi radical. Em 1899, doze anos após a segunda viagem de Steinen, das quatro aldeias do Culiseiu ali encontradas por este, Meyer achava somente duas, e mesmo assim em completa decadência, chegando a observar que não demoraria muito para o último Bakairí do Culiseiu desaparecer, transferindo-se para o rio Paranatinga (Meyer, 1960: 126-7). De fato tivera razão Meyer, pois, com a instalação do Posto Bakairí por parte do Serviço de Proteção aos Índios, em 1920, no Paranatinga, todos os Bakairí do Batovi e Culiseiu para ali se deslocaram (Noronha, 1952: 53; Hintermann, 1925: 177; Schmidt, 1942b: 242; Petruzzo, 1932: 144).

Os *Aruak*, embora localizados em posição semelhante àquela encontrada por Steinen e Meyer, também sofreram grandes reduções. Os Waurá, que, em 1887, possuíam duas aldeias localizadas na região das lagoas entre o Batovi e o Culiseiu inferior (Ehrenreich, 1929: 253), em 1948, Lima os visitava ainda no Batovi, assinalando uma aldeia com quatro casas (Lima, 1950: 5). Os Mehináku, também com duas aldeias naquela data, inclusive uma delas com 14 casas (Steinen, 1940: 134), em 1949 eram localizadas próximo ao rio Culiseiu com uma única aldeia formada por cinco casas (Lima, 1949: Relatório). Os Kustenáo extinguiram-se, tendo ainda Lima, em 1948, encontrado desses *Aruak* uma mulher idosa e um adolescente morando entre os Waurá (Lima, 1950: 22). Os Yawalapití, com duas aldeias em 1887 (Steinen, 1940: 145; Ehrenreich, 1929: 253), em 1931 possuíam somente uma (Petruzzo, 1932: 144). Em 1946 dissolveu-se a aldeia, distribuindo-se seus remanescentes pelos outros grupos tribais, como agregados. Todavia, em 1950, conseguiram os irmãos Vilas-Boas, da Fundação Brasil-Central, reagrupá-los numa aldeia autônoma (Galvão, 1953: 5, nota 9).

Os grupos *Tupí* permaneciam na mesma localização geográfica apontada pelos pioneiros, no final do século XIX. Das quatro aldeias Kamayurá visitadas por Steinen (1940: 148-151), em 1952 constatávamos uma única aldeia com cinco casas, próxima à lagoa Ipavu (Simões, 1952: notas de campo). Dos Awetí, as informações mais remotas sobre número de casas de sua aldeia, as encontramos em Vasconcellos (1945: 70), em 1924, fornecendo-nos uma aldeia com “seis bem acabados e confortáveis ranchos, de cobertura abaulada e de forma elítica”. Em 1952, com sua população reduzida, formavam uma pequena aldeia com apenas duas casas.

Os Trumái que, segundo sua tradição, teriam chegado ao rio Xingu vindos de uma terra distante a sudeste (Murphy e Quain, 1955: 8), fo-

ram assinalados por Steinen com duas aldeias à margem direita do Culuene, logo abaixo da desembocadura do Culiseiu. A primeira aldeia com oito casas e a segunda com cinco (Steinen, 1940: 157). Em 1887, eram encontrados junto aos Awetí, fugindo ao assalto dos Suyá (Steinen, 1940: 140-155; Ehrenreich, 1929: 253); em 1896, Meyer os localizava novamente em suas aldeias do Culuene, para três anos após encontrá-los entre os Mehináku (Meyer, 1898: mapa; 1900: 127 e mapa); em 1901, são apontados num afluyente esquerdo do Culiseiu, entre as aldeias Mehináku e Nahuquá (Schmidt, 1942a: 61); 1924, vivendo junto dos Nahuquá (Hintermann, 1925: 177; Vasconcellos, 1945: 77); em 1931, ainda entre os Mehináku e Nahuquá (Petrullo, 1932: 136); em 1938, na margem direita do baixo Culuene (Murphy e Quain, 1955: 9) e, finalmente, foram por nós visitados, em 1952, no baixo Culuene, aproximadamente na mesma posição registrada por Steinen. A aldeia denominada Vanivaní, comportava três pequenas casas, abrigando a reduzidíssima população de 18 pessoas.

Os Suyá, localizados pela expedição de 1884 à margem direita do Xingu, próximo à foz do rio Suiá-missu ou Paranajuba (Steinen, 1942: 244), em 1952 ocupavam o curso inferior dêste rio, para onde se haviam refugiado após terem sofrido diversos ataques dos Kayapó e Jurúna. Ali se mantinham arredios e hostis (Cf. nota 9).

Em resumo, das 39 aldeias xinguanas computadas por Meyer e dos 3.000 habitantes calculados por Steinen em fins do século XIX, restavam em 1952, após decorridos mais de 60 anos:

<i>Tribos</i>	<i>Aldeias</i>	<i>Casas</i>	<i>População</i>	<i>Fontes</i>
Kalapálo	—1—	10	148	Lima, 1948
Kuikúro	—1—	10	148	Simões, 1952
Nahuquá	—1—	2	28	Lima, 1948
Matipúhy	—1—	2	16	Lima, 1948
Waurá	—1—	4	95	Lima, 1948
Mehináku	—1—	5	56	Lima, 1949
Yawalapití	—1—	2	12	Lima, 1951
Kamayurá	—1—	5	110	Galvão, 1949
Awetí	—1—	2	27	Lima, 1947
Trumái	—1—	3	18	Simões, 1952
TOTAL	10	45	652	

Êstes dados, em confronto com os de Steinen e Meyer já mencionados, resultavam, em têrmos estatísticos, numa depopulação acentuada, na ordem de quase 80% (78,3%), bem como numa redução tremenda no número de aldeias (74,4%). Por outro lado, algumas dessas tribos, como Trumái, Ya-

walapití, Awetí, Matipúhy e Nahuquá, com seus montantes demográficos minguados, acusavam sinais de franca extinção, como já ocorrera no passado com os Aratá, Apalakirí, Kustenáu e, mais recentemente, com os Naravúte, Aipatse e Tsuva.

Os *Karib*, grupo mais representativo da área em fins do século passado, tanto pela expressão de suas estruturas demográficas quanto pelo montante de suas aldeias, foram os mais afetados por essa intensa depopulação. Das quinze aldeias Nahuquá e oito Bakairí computadas pelos pioneiros, restavam tão somente quatro em 1952 — Kalapálo, Kuikúro, Nahuquá e Matipúhy —, ou seja, um decréscimo de 82,7%. Por outro lado, através de um processo de aglutinação intergrupar, foram as maiores aldeias absorvendo os remanescentes ou sobreviventes tribais de suas irmãs menores, o que, aliás, explica a existência até nossos dias de alguns daqueles antigos aldeamentos, como Kalapálo e Kuikúro, com seus montantes demográficos praticamente inalterados em confronto com outros com seus contingentes populacionais reduzidíssimos, como Nahuquá e Matipúhy¹⁰.

Várias são as causas apontadas como responsáveis pela depopulação maciça de grupamentos tribais em seus primeiros anos de convívio pacífico com segmentos da sociedade nacional. Certas práticas de restrição voluntária à natalidade (métodos anticoncepcionais, aborto e infanticídio), somadas à alta mortalidade infantil e às crises de penúria, têm levado tribos inteiras à quase-extinção quando, em período de pós-contacto, se defrontam com agentes letais das epidemias para os quais lhes faltam ainda a necessária imunidade orgânica¹¹.

Quer-nos parecer também que essas tribos xinguanas, em sua fase de isolamento ou de pré-contacto, vinham mantendo, através de um processo de dinâmica interna, suas estruturas demográficas estabilizadas graças a “um equilíbrio entre o sistema tecnológico, as condições ecológicas e certas práticas de contenção demogenética que só lhes permitiam reproduzir aproximadamente o mesmo montante populacional” (Ribeiro, 1956: 34). Crescimento vegetativo controlado, alta mortalidade infantil¹², ataques de grupos hostis, roubo de mulheres e crianças¹³, crises ocasionais de subsistência e, principalmente, epidemias de gripe e sarampo, levadas pelas expedições ou importadas do Paranatinga nos primeiros anos de contacto, foram as causas (isoladas ou conjugadas) dessa depopulação acelerada e da conseqüente contração numérica das aldeias xinguanas.

Já em 1896, nove anos após a segunda viagem de Steinen, Karl Ranke, médico e companheiro de Meyer, constatava numa aldeia Bakairí do Culi-seiu os efeitos calamitosos de uma blenorragia oftálmica importada através da visita de um índio Bakairí à vila do Rosário (M. Grosso). Rápida se transformara em epidemia pela contaminação de toda a tribo, onde alguns faleceram e outros escaparam com lesões oculares (Ranke, 1898:

130). Tal impressão causou essa epidemia a Ranke que êste, antevendo o destino dessas tribos xinguanas num futuro próximo, vaticinou que após o surto de blenorragia outros lhe seguiriam, como "sífilis, lepra, tuberculose, sarampo, escarlatina, varíola, febre amarela e béri-béri", levando-as à extinção completa (*ibidem*).

Entretanto, foi a gripe o principal responsável, durante as primeiras décadas de convívio intermitente, pela dizimação das aldeias xinguanas, seguida em intensidade pelo sarampo, embora dêste só tenhamos documentação da epidemia de 1954. A gripe *espanhola*, que em 1918 grassou por todo o Brasil, atingiu também as aldeias xinguanas. Tal a virulência que praticamente exterminou as aldeias Bakairí do Culiseiu (Schmidt, 1942 b; 242). Em 1946, com a fundação do Pôsto Culuene pela Expedição Roncador-Xingu próximo à aldeia Kalapálo, um surto gripal ali originado liquidou 25 dêsse índios em cêrca de duas semanas; nôvo surto, em 1950, surgido no Pôsto Jacaré vitimava 12 índios Kamayurá e Kalapálo (Galvão, 1953: 4-5).

Do sarampo o único registro que possuímos é o da epidemia de 1954, quando em forma altamente letal fêz 114 vítimas, como já referimos anteriormente.

Com todos êsses surtos epidêmicos e seus efeitos cumulativos sôbre suas frágeis estruturas demográficas, era de prever-se para bem próximo a extinção das tribos xinguanas, a exemplo do que já sucedera aos Kustenáu, Naravute, Tsuva, Aipatse e outros. Entretanto, quando alí voltamos em 1963, após decorridos 11 anos, deparamos com os seguintes dados censitários: ¹⁴.

Tribos	Aldeias	Casas	População
Kalapálo	—1—	8	100
Kuikúro	—1—	11	118
Nahuquá-Matipúhy	—1—	6	51 ¹⁵
Waurá	—1—	6	86
Mehináku	—1—	5	55
Yawalapití	—1—	4	41
Kamayurá	—1—	6	115
Awetí	—1—	3	36
Trumái	—1—	—1—	21
Totais	9	50	623

Comparando-se os censos de 1947-52 com êste, defasado onze anos no tempo, verificamos que a população total xingwana sofreu apenas um ligeiro decréscimo de 0,45%. Em compensação das nove aldeias sômente três tiveram seus montantes demográficos reduzidos (Kalapálo, Kuikúro e

Waurá), aliás, as tribos mais atingidas pela epidemia de sarampo de 1954 (Cf. Mota, 1955: 137). Os Mehináku praticamente se estabilizaram e as demais tiveram um acréscimo regular em seus efetivos populacionais. Grupos como Awetí, Yawalapití, Trumái, Nahuquá e Matipúhy, que em 1952 eram apontados como em processo de extinção, hoje estão recompostos por crescimento vegetativo e adesão de elementos de outros grupos tribais, através de casamento e parentela¹⁶. Outro evento observado é o número bem maior de casas em relação a 1952, o que, aliás, se justifica pelo fortalecimento das famílias nucleares, notadamente nessas aldeias em reagrupamento, onde encontramos casas ocupadas apenas pelos cônjuges e seus filhos.

O contacto mais demorado nesses últimos 16 anos leva-nos a supor que, passado o primeiro impacto causado pelo convívio inter-étnico com tôdas suas compulsões negativas, alcançaram os grupos xinguanos uma certa resistência biótica que lhes permite suportar menos drásticamente os agentes patogênicos das epidemias, sem aquela dizimação maciça de outrora.

Como os Karajá, Kadiwéu, Canelas e Tenetehára-Guajajára, citados por Ribeiro, acreditamos também que os grupos xinguanos já superaram o "teste de sobrevivência", pois, das nove aldeias existentes, seis apresentam sinais de "estabilidade demográfica, quando não um incremento efetivo" (Ribeiro, 1956: 31). As três outras aldeias, apesar do ligeiro declínio populacional observado, demonstram também sintomas de estabilização demográfica, considerando-se terem sido essas aldeias as mais atingidas pela epidemia de sarampo de 1954.

No momento atual a sobrevivência e mesmo aumento da população xinguanas vêm sendo garantidos pela ação de agências federais, como o Serviço de Proteção aos Índios, Fôrça Aérea Brasileira, Serviço de Unidades Sanitárias Aéreas e Parque Nacional do Xingu, proporcionando às diversas aldeias uma assistência eficaz e efetiva contra os surtos epidêmicos¹⁷.

*

Entre as visitas dos pioneiros e as nossas observações, que se estendem até 1963, as mudanças ocorridas na cultura xinguanas são pouco sensíveis. Este fato se deve principalmente à natureza do contacto entre êsses grupos e a sociedade nacional, que, como já afiançamos, se restringira a visitas eventuais de etnólogos ou técnicos de outras especialidades, por isso mesmo, de curta duração e sem aquela pressão aculturativa comum em outras áreas em que frentes pioneiras avançam, demorada e continuamente, sôbre os territórios tribais.

Entretanto, desde o final do século passado uma série de elementos da cultura nacional vem-se infiltrando e seu uso sendo difundido entre os

xinguanos. De início pela *rota* Paranatinga-Culiseiu e, nos últimos quinze anos, pelos postos Jacaré (Fundação Brasil-Central) e Capitão Vasconcellos (Serviço de Proteção aos Índios), na confluência Culuene-Culiseiu. Dêsses elementos os de maior difusão foram os implementos de ferro, miçangas, armas de fogo e plantas cultivadas (cana-de-açúcar, banana, mandioca mansa, arroz, favas, mamão e abacaxi).

A introdução de ferramentas de ferro trouxe aos xinguanos um aumento de produtividade, reforçando uma economia de subsistência que pelas observações de Steinen já era bem equilibrada naquela época. Por outro lado, determinou o desaparecimento no comércio intertribal do monopólio mantido pelos Trumái e Suyá da fabricação de machados de pedra, obrigando àqueles a lançar mão de outro produto de troca como o "sal"¹⁸, também fabricado pelos Waurá. Idêntica alteração ocorreu com a cerâmica utilitária das tribos *Aruak* (Waurá e Mehináku), pois, com exceção das grandes panelas para manipulação da mandioca, as demais têm sido substituídas por recipientes de fôlha-de-flandres e alumínio. Essa importação de implementos de ferro e alumínio alterou o comércio intertribal dos artigos de pedra e barro, o qual proporcionava aos Trumái, Waurá e Mehináku um certo acúmulo de riqueza e prestígio.

Ao mesmo tempo nota-se um enfraquecimento no artesanato indígena no que se refere às peças de adorno, não obstante a solicitação crescente e promovida pelas visitas de forasteiros. Assim, colares de concha, capacetes de penas, braçadeiras, bancos de madeira zoomórficos, panelas e vasos zoomórficos, que antes constituíam importantes elementos no comércio intertribal, hoje deixaram de ser especialidade de alguns grupos tribais, para passar a ser artesanato individual de determinados representantes dessas tribos. Tais artefatos não mais funcionam como produtos de troca ou escambo entre as aldeias, e sim, entre êsses indivíduos e elementos de fora. Isso provocou ainda uma reformulação nos valores tradicionais dêsses elementos de troca, porquanto se trocavam no comércio intertribal arcos, panelas e outros objetos, à base do elemento de maior valia naquela época, que eram os colares de concha fabricados pelas tribos *Karib*, hoje superados inteiramente pelas miçangas de origem européia ou por armas de fogo. Conseqüentemente, redundou no fato de todo o artesanato ficar fora do poder aquisitivo do índio para o índio, passando a ser do índio para o visitante de fora.

Paralelamente a êsse processo vão ocorrendo modificações no nucleamento de famílias extensas, com o enfraquecimento da coesão do grupo familiar extenso e individualização das famílias nucleares, o que se reflete também em mudança de aceitação e valores de liderança das co-residências e da própria aldeia. Em outros termos, os *camáras* estão assumindo uma função muito mais importante que os tradicionais *capitães*, alguns dêstes

hoje apenas intermediários, sem outra função que aquela baseada unicamente num prestígio tradicional, hoje evanescente.

Outra modificação sensível que observamos é, por influência de agentes externos, a aglutinação e recomposição de grupos tribais em torno daqueles pontos de acesso, como pistas de aviação e postos de assistência, pela atração que os mesmos exercem em termos de ofertas de mercadorias e assistência médica e social. Esse processo vem ocorrendo desde a fundação dos primeiros postos da Fundação Brasil-Central, atraindo grupos para sua proximidade, como Trumái, Kamayurá e Yawalapití, os quais viviam constantemente no posto Jacaré, e só para ali não se transferiram definitivamente por impedimento dos irmãos Vilas-Boas. Atualmente, um grupo de 17 índios Kamayurá vive praticamente na Base do Xingu (Fôrça Aérea Brasileira), apesar das reclamações da administração do Parque Nacional do Xingu. Após 1961, com a criação do Parque Nacional do Xingu, vêm as tribos xinguanas abandonando seus antigos territórios tribais (geralmente de propriedade de firmas imobiliárias), transferindo-se para o interior do Parque, não só pelo fascínio das mercadorias de troca, da assistência médica e social, como também, e principalmente, pela posse e estabilidade das terras que ocupam.

Outra modificação foi aquela relativa a intensificação dos contactos intertribais dos grupos da área nuclear do Alto Xingu e aqueles marginais ou periféricos, como Kayapó, Jurúna, Suyá, Xavánte e Kayabí. Estes grupos, com exceção dos Kayabí, eram inimigos tradicionais dos alto-xinguanos, que relatam suas incursões e correrias no passado (Cf. nota 13). Os Kayabí, recém-emigrados para o Alto Xingu através do rio Manitsauá, foram atraídos ao Posto Diauarum (na confluência do rio Suiá-missu com o Xingu), estabelecendo-se em sua proximidade. Dado ao longo contacto mantido com as frentes pioneiras do Tapajós, estão introduzindo na área alto-xinguanas alguns elementos da cultura nacional, cuja difusão vem sendo facilitada pelo fato de já terem sido "traduzidos" em termos de uma cultura indígena.

*

Nesse período de observações, que compreende cerca de 80 anos, sumariamente aqui descritas, nota-se que a cultura desses grupos do Alto Xingu sofreu de início um processo de aculturação intertribal, resultando numa província ou área cultural fortemente caracterizada pela homogeneidade de seus aspectos mais gerais. Isso foi facilitado pelas condições peculiares à região, que forçou uma coexistência pacífica entre os grupos tribais, que, não obstante seu denominador comum "Floresta Tropical", provinham de áreas diferentes e se distanciavam pela língua. Nos últimos anos, ao invés de ocorrer um processo dissociativo e destrribalizante por influência do contacto com a sociedade nacional, tal como ocorreu entre a maioria

dos grupos da região amazônica, a atuação de agências federais e o ainda isolamento da área permitiram, e têm mesmo estimulado a coesão tribal e a manutenção de seus padrões tradicionais.

NOTAS

1) Para maiores detalhes sobre a fauna cf. Carvalho, 1949 e 1951.

2) Após Steinen, ali estiveram: 1896, Herrmann Meyer e Karl Ranke; 1897, Ten. Cel. Paula Castro chegava ao Culiseiu em procura das Minas dos Martírios; 1899, a expedição de cinco norte-americanos destruída pelos Suyá; ainda em 1899, voltava Meyer, levando consigo Koch-Grünberg; 1900, repetia Paula Castro a tentativa dos Martírios; 1901, Max Schmidt; 1913, Cmt. Fontoura, a serviço da Defesa da Borracha; 1920, Cap. Noronha, da Comissão Rondon; 1924, Cap. Vasconcellos, acompanhado por Hintermann; 1925, P. H. Fawcett, ali desaparecido; 1926, três norte-americanos chefiados pelo pastor Leonardo Legters e um funcionário do SPI; 1928, George Dyott em busca de Fawcett; 1931, a expedição de V. M. Petruzzo; 1935, o jornalista norte-americano Albert de Winton, morto pelos índios; 1938, Buell Quain entre os Trumái; 1944-1945, expedições da Equipe Cinematográfica do SPI.

3) Inicialmente fundado entre o Paranatinga e o Culiseiu, foi mais tarde transferido para a margem direita do Paranatinga, denominando-se P. I. Simões Lopes. Além dêsse, criou o Serviço de Proteção aos Índios na região os seguintes postos: Pôsto Indígena Taunay (1938), no rio Culiseiu, no local onde um ano antes levantara o missionário Thomas Young um pôsto de evangelização. Mais tarde foi transferido para o pôsto Independência, e daí para o rio Batovi, com o nome de P. I. Culiseiu; Pôsto Indígena Alípio Bandeira (1945), no pontal Culuene-Culiseiu, para atração dos índios Xavánte; Pôsto Indígena Capitão Vasconcellos (1953), no Tutuarí, local de uma antiga aldeia Yawalapití; Pôsto Indígena Txukahamãe (1954), no rio Xingu, próximo à cachoeira von Martius; e em 1958, o Pôsto de Atração José Bezerra, no Batovi, para atrair os índios Txikão. Em 1963 somente estavam em funcionamento os postos Simões Lopes, Culiseiu e Capitão Vasconcellos.

4) Foram construídos os postos: Garapu, no rio Sete de Setembro; Tanguro, no rio homônimo; Culuene, perto da aldeia Kalapálo; Jacaré, no córrego Jacaré, próximo aos Kamayurá e Trumái; e Diauarum, na margem direita do Xingu, em local de uma antiga aldeia Suyá.

5) Somente o Museu Nacional empreendeu no Alto Xingu inúmeras excursões, no período de 1947-1952. Além das pesquisas zoológicas, ali estiveram num programa sistemático de pesquisas antropológicas: Pedro E. Lima (1947 a 1952); Eduardo Galvão (1947 e 1950); e Mário F. Simões (1952). De outras instituições, destacamos Kallervo Oberg (1950), Robert Carneiro e Gertrude Dole (1953), e mais recentemente o Museu Goeldi, com Mário F. Simões (1963).

6) Para maiores detalhes cf. Oliveira, 1955: 173-184.

7) Sobre essa uniformidade cultural em termos de uma província já Meyer, após sua viagem à região em 1896, assim comentava: "As condições do meio forçaram a uma certa homogeneidade tôdas as tribos ribeirinhas. A diferença de língua não foi empecilho a isso e se manteve mais facilmente do que o tipo de ferramenta primitiva"... "Vê-se assim assimilação constante da tribo recém-chegada com as já estabelecidas, até que resulta afinal uma centralização cujo conjunto de povos forma uma província etnográfica. Os arredores das nascentes do Xingu são um exemplo disto..." (Meyer, 1898: 140).

8) Os Nahuquá eram sub-divididos em Nahuquá-Yanamakapi e Nahuquá-Akukú. Aos primeiros pertenciam as aldeias Etagl, Oti, Tekiaheto, Kuikúro e Tsego; aos segundos, as aldeias Kalapálo, Awinukurú, Arikuanako, Yamarikumá, Naikaeto, Arawute, Auwauwiti, Aratá, Guapirí e Apanakirí (Meyer, 1897: 194).

9) Cf. Simões, 1963.

10) Interessante é a sobrevivência dessas duas aldeias já mencionadas por Meyer — Kalapálo e Kuikúro —, esta Yanamakapy e aquela Akuku. Ambas resistiram e ainda resistem até hoje aos efeitos drásticos do contacto em virtude de sua posição geográfica mais isolada e pela absorção de grupos menores. Já em 1896 testemunhava Meyer o abandono das aldeias Aratá, Apanakirí e Guapirí, com a transferência de seus habitantes para a então aldeia Kalapálo (Meyer, 1897: 194).

11) Para maiores esclarecimentos sobre os efeitos depopulacionais ocorridos em tribos brasileiras, cf. Ribeiro, 1956.

12) Ranke, em 1896, numa amostragem de 360 crianças das aldeias Nahuquá e Trumái, verificou que destas somente sobreviviam 141, o que representa uma taxa de mortalidade infantil de 60,8% (Ranke, 1898: 130).

13) Inúmeros ataques e raptos de mulheres e crianças sofreram os xinguanos de grupos hostis e marginais como Suyá, Yarumá, Kayapó e Txikão. Cf. Lima, 1950: 5-6; Simões, 1963.

14) Durante os meses de julho-setembro de 1963, M. F. Simões retornava ao Alto Xingu numa pesquisa sobre estruturas demográficas e mudança cultural, programada pela Divisão de Antropologia do Museu Goeldi.

15) Essas duas aldeias Nahuquá independentes em 1952, em virtude da proximidade de seus aldeamentos e do reduzido número de seus ocupantes fundiram-se numa só. Hoje estão localizados à margem direita do Culuene, perto da lagoa Mariuahéte.

16) Um exemplo dessa recomposição tribal encontramos nos Yawalapití, tribo numerosa ao tempo de Steinen que, pela redução numérica de seus membros, terminou desagregando-se, disseminando seus remanescentes pelas aldeias xinguanas, principalmente Kuikúro. Em 1950 eram reagrupados cerca de 12 indivíduos numa aldeia autônoma e atualmente, com o retorno de seus antigos membros acompanhados de seus cônjuges, filhos e parentela, geralmente Kuikúro, perfazem já 41 habitantes, distribuídos em quatro casas.

17) Em 1963 assistíamos à eficiência da Administração do Parque Nacional do Xingu e do Serviço de Unidades Sanitárias Aéreas diante de um surto de Leishmaniose tegumentar entre os Waurá. Comunicado o fato, imediatamente comparecia um avião com médico e material de laboratório. Positivada a suspeita, foram tomadas tôdas as medidas para debelar a moléstia.

18) Não se trata do *sal de cozinha* (NaCl) e sim de um sucedâneo com alto teor de cloreto de potássio (KCl), extraído de certas plantas por queima e cocção. (Cf. Sick, 1949: 381-390).

BIBLIOGRAFIA CITADA

Carvalho, José C. M.

1949 — Observações zoológicas no rio das Mortes e no alto Xingu. Em: Observações Zoológicas e Antropológicas na região dos formadores do Xingu. Museu Nacional, *Publicações Avulsas*, n.º 5, Rio de Janeiro, pp. 7-19.

1951 — Relações entre os índios do Alto Xingu e a fauna regional. Museu Nacional, *Publicações Avulsas*, n.º 7, Rio de Janeiro.

Ehrenreich, Paul

1929 — A segunda expedição alemã ao rio Xingu. *Revista do Museu Paulista*, XVI, São Paulo, pp. 247-275.

Galvão, Eduardo

1949 — Apontamentos sobre os índios Kamayurá. Em: Observações Zoológicas e Antropológicas na região dos formadores do Xingu. Museu Nacional, *Publicações Avulsas*, n.º 5, Rio de Janeiro, pp. 31-48.

1953 — Cultura e Sistema de Parentesco das tribos do Alto Xingu. *Boletim do Museu Nacional*, Nova Série, Antropologia n.º 14, Rio de Janeiro.

1960 — Áreas Culturais Indígenas do Brasil: 1900-1959. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*, Nova Série, Antropologia n.º 8, Belém.

Hintermann, Heinrich

1925 — Beitrag zur Ethnographie der Kuluena-und Kulisevu-Indianer. *Verhandlungen der Schweizerischen Naturforschenden Gesellschaft*, 106. Jahresversammlung in Aarau, II. Teil, Aarau, S. 176-178.

Lima, Pedro E.

1950 — Os Índios Waurá. Observações gerais. A cerâmica. *Boletim do Museu Nacional*, Nova Série, Antropologia n.º 9, Rio de Janeiro.

1955 — Distribuição dos grupos indígenas do Alto Xingu. Em: *Anais do XXXI Congresso Internacional de Americanistas*. Vol. I, São Paulo, pp. 159-170.

ms. — Relatórios das excursões ao Alto Xingu, apresentados ao Sr. Diretor do Museu Nacional, relativos às viagens de 1947 a 1952. Inéditos.

Meyer, Herrmann

1897 — Über seine Expedition nach Central-Brasilien. *Sonderdruck aus den Verhandlungen der Gesellschaft für Erdkunde*, N.º 3, Berlin.

1898 — Im Quellgebiet des Schingu. Landschafts- und Völkerbilder aus Central-Brasilien. *Verhandlungen der Gesellschaft deutscher Naturforscher und Ärzte*. 69. Versammlung zu Braunschweig 1897. Erster Theil. Leipzig, pp. 135-145.

1900 — Bericht über seine zweite Xingu-Expedition. *Verhandlungen der Gesellschaft für Erdkunde zu Berlin*, N.º 2, V. 3, pp. 112-128.

Mota, João Leão da

1955 — A epidemia de sarampo no Xingu. Em: *SPI-1954*. Relatório das Atividades do Serviço de Proteção aos Índios durante o ano de 1954. Editor: Mário F. Simões, Rio de Janeiro, pp. 131-141.

Murphy, Robert e Quain, Buell

1955 — The Trumái Indians of Central Brazil. *Monographs of the American Ethnological Society*, Vol. XXIV. J. J. Augustin Publisher, Locust Valley, New York.

Noronha, Ramiro

- 1952 — Exploração e levantamento do rio Culuene, principal formador do rio Xingu; etc. Conselho Nacional de Proteção aos Índios, *Publicação* n.º 75 da "Comissão Rondon", Rio de Janeiro.

Oliveira, Roberto C. de

- 1955 — Relatório de uma Investigação sobre Terras em Mato Grosso. Em: *SPI-1954*. Relatório das Atividades do Serviço de Proteção aos Índios durante o ano de 1954. Editor Mário F. Simões, Rio de Janeiro, pp. 173-184.

Petrullo, Vincent

- 1932 — Primitive Peoples of Matto Grosso, Brazil. *The Museum Journal*, XXIII, n.º 2, University Museum, Philadelphia, pp. 83-173.

Ranke, Karl Ernst

- 1898 — Beobachtungen über Bevölkerungstand und Bevölkerungsbewegung bei Indianern Central-Brasiliens. *Correspondenz-Blatt der deutschen Gesellschaft für Anthropologie, Ethnologie und Urgeschichte*, XXIX. Jahrgang, Nr. 11, Nov., pp. 123-134.

Ribeiro, Darcy

- 1956 — Convívio e Contaminação. *Sociologia*, vol. XVIII, n.º 1, São Paulo, pp. 3-50.

Schmidt, Max

- 1942a — Estudos de Etnologia Brasileira. *Brasiliana Formato Grande*, vol. II, São Paulo.
- 1942b — Resultados de minha expedição bienal a Mato Grosso. De setembro de 1926 a agosto de 1928. *Boletim do Museu Nacional*, XIV-XVIII, 1938-1941. Rio de Janeiro, pp. 241-285.

Sick, Helmut

- 1949 — Sobre a extração do sal de cinzas vegetais pelos índios do Brasil Central. *Revista do Museu Paulista*, N. S., vol. III, São Paulo, pp. 381-390.

Simões, Mário F.

- ms. — Relatório da Excursão ao Alto Xingu apresentado ao Sr. Diretor do Museu Nacional. Notas de campo. Ms. inédito.
- 1963 — Os "Txikão" e outras tribos marginais do Alto Xingu. *Revista do Museu Paulista*, N. S., vol. XIV, São Paulo, pp. 78-104.

Serviço de Proteção aos Índios

- 1953 — *SPI-1953*. Relatório das atividades do Serviço de Proteção aos Índios durante o ano de 1953. Rio de Janeiro.

Steinen, Karl von den

- 1885 — Exploração do rio Xingu, e homenagem tributada aos exploradores. *Boletim da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro*, tomo I, n.º 1, pp. 57-83.
- 1940 — Entre os Aborígenes do Brasil Central. Separata da *Revista do Arquivo Municipal*, vols. XXXIV a LVIII, Departamento de Cultura, São Paulo.
- 1942 — O Brasil Central. *Brasiliana Formato Grande*, vol. III, São Paulo.

Vasconcellos, Vicente de Paula T. F.

- 1945 — Expedição ao Rio Ronuro. *Publicação* n.º 90 da "Comissão Rondon", Conselho Nacional de Proteção aos Índios. Imp. Nacional. Rio de Janeiro.